



ISSN: 2595-1661

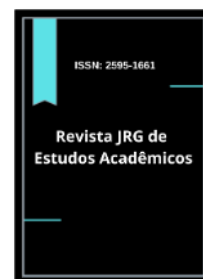
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Entre o desejo e a lei: uma leitura psicanalítica do Complexo de Édipo em *A Professora de Piano*

Between desire and the law: A Psychoanalytic reading of the Oedipus Complex in *The Piano Teacher*



DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2554

ARK: 57118/JRG.v8i19.2554

Recebido: 16/10/2025 | Aceito: 22/10/2025 | Publicado on-line: 23/10/2025

Murylo Gabriel Ferreira Barreto¹

<https://orcid.org/0009-0007-5057-7923>

<https://lattes.cnpq.br/2618836531186701>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: murylopsigmail.com

Luan Siqueira Machado²

<https://orcid.org/0009-0007-5628-9930>

<http://lattes.cnpq.br/3719520590056420>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil.

E-mail: luanmachado278@gmail.com

Victoria Sandys Mapurunga de Sousa³

<https://orcid.org/0009-0008-9512-735X>

<http://lattes.cnpq.br/4606280137550241>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: victoriasandys@hotmail.com

Francelino Eleutério da Silva Júnior⁴

<https://orcid.org/0009-0000-3837-4727>

<http://lattes.cnpq.br/4419602555285783>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: juniorporto22@gmail.com

Maria Fernanda Azevedo de Andrade⁵

<https://orcid.org/0009-0000-8571-5950>

<http://lattes.cnpq.br/9543035857211142>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: mmfernanda@gmail.com

Karla Myllena da Silva Gomes⁶

<https://orcid.org/0009-0008-5574-5460>

<http://lattes.cnpq.br/4285017846689488>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: karlamyllena810@gmail.com

Pedro Junio Da Silva De Deus Costa⁷

<https://orcid.org/0009-0005-3680-7791>

<http://lattes.cnpq.br/9240025192386694>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: pedro.junio.psi@gmail.com

Fabiana Cruz Soares⁸

<https://orcid.org/0000-0002-4073-8398>

<http://lattes.cnpq.br/2398854123430345>

Centro Universitário Maurício de Nassau, PI, Brasil

E-mail: fabicruzpsi@gmail.com

Resumo

O presente estudo realiza uma análise psicanalítica do filme *A Professora de Piano* (2001), com o objetivo de compreender como o Complexo de Édipo, a castração e o falo, conforme formulados por Freud e aprofundados por Lacan, manifestam-se na personagem Erika Kohut. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se na observação interpretativa de cenas, falas e comportamentos da protagonista, articulando-os à teoria psicanalítica a partir de revisão bibliográfica. Os resultados

¹ Graduado em Psicologia e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

² Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

³ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁴ Graduado em Psicologia e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba

⁵ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁶ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁷ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁸ Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí. Mestra em Saúde Coletiva pela Faculdade São Leopoldo Mandic.

indicam que a relação simbiótica e narcísica entre Erika e sua mãe, marcada pela ausência da função paterna, impede a separação simbólica e sustenta uma estrutura perversa em que predominam fetichismo, voyeurismo, exibicionismo, sadismo e masoquismo. Evidencia-se, ainda, a recusa da castração e a busca incessante pelo falo simbólico, representado pelo amor, pelo poder e pela arte, o que a conduz a uma vivência constante de angústia e frustração. Conclui-se que a personagem encarna o conflito entre desejo e lei, revelando, sob a ótica psicanalítica, a impossibilidade de alcançar o gozo pleno e a permanência da falta como condição estrutural do sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise; Complexo de Édipo; Castração; Perversão; Falo.

Abstract

*This study presents a psychoanalytic analysis of the film *The Piano Teacher* (2001), aiming to understand how the Oedipus Complex, castration, and the phallus, concepts developed by Freud and expanded by Lacan, are manifested in the character Erika Kohut. The research adopts a qualitative approach based on the interpretative observation of scenes, dialogues, and behaviors of the protagonist, relating them to psychoanalytic theory through bibliographic review. The results indicate that the symbiotic and narcissistic relationship between Erika and her mother, marked by the absence of the paternal function, prevents symbolic separation and sustains a perverse structure characterized by fetishism, voyeurism, exhibitionism, sadism, and masochism. The study also highlights Erika's refusal of castration and her constant pursuit of the symbolic phallus, represented by love, power, and art, which leads her to a persistent experience of anguish and frustration. It is concluded that the character embodies the conflict between desire and law, revealing, from a psychoanalytic perspective, the impossibility of achieving full jouissance and the permanence of lack as a structural condition of the subject.*

Keywords: Psychoanalysis; Oedipus Complex; Castration; Perversion; Phallus

1. INTRODUÇÃO

Antes de discorrer sobre o Complexo de Édipo no filme *A professora de piano*, é necessário abordar, ainda que de forma sucinta, a ideia presente nesse complexo postulado por Freud. O complexo de Édipo refere-se ao conjunto de desejos amorosos e hostis que a desenvolve em relação aos pais, desejo pelo genitor do sexo oposto e rivalidade em relação ao do mesmo sexo. Freud (1905) descreve três fases do desenvolvimento pulsional infantil: a fase oral (em que a boca é a principal zona erógena), a fase anal (predomínio do ânus) e a fase fálica (domínio do órgão genital masculino; nas meninas, o clitóris é compreendido como atributo fálico, fonte de excitação) (Nasio, 1999).

No contexto do filme, a explicação da fase fálica faz-se necessária para uma melhor compreensão do paradigma edípico na história de Erika. Assim como nas outras fases, o objeto real serve de suporte para o objeto fantasiado, ou seja, o pênis e o clitóris são apenas representações concretas do objeto simbólico e imaginário, o falo. Segundo Laplanche e Pontalis (1983), o falo, na teoria psicanalítica, é um significante do desejo e da diferença sexual, não se confundindo com o órgão anatômico, mas representando o lugar da falta e da potência imaginária. A fantasia do falo é o que prevalece nessa fase, em que esse símbolo representa o poder e a completude tão desejados pelos sujeitos. No estágio inicial dessa fase, os meninos e meninas acreditam que todos têm o falo ou deveriam tê-lo. Em um momento posterior,

a criança percebe a diferença entre os sexos como uma oposição entre “ter” e “não ter” o falo, o que Freud associa à castração (Nasio, 1999).

Após a constatação dessa diferenciação entre homem e mulher, os meninos e meninas seguem vias diferentes, isso porque o falo assume significações distintos para eles. O objeto de desejo do menino é a mãe (fantasiada), enquanto, para a menina, o desejo inicialmente volta-se para a mãe e, posteriormente, se desloca para o pai (Nasio, 1999). Considerando que a análise se concentra no Édipo feminino, a partir deste ponto serão discutidos apenas os aspectos ligados a essa vertente.

Durante o Édipo feminino, a menina se decepciona por notar que não tem o falo que ela achava que tinha. A decepção recorrente disso ocasionaria a inveja do pênis/falo. Apesar de esse ser o aspecto mais discutido sobre a castração da menina, Freud pontua outra resposta à castração, que seria a angústia de perder o amor vindo do amado, o falo inestimável. Para Freud, essa angústia de perda do amor é tão central quanto a inveja fálica. Ambas aparecem de forma explícita na trajetória de Erika (Nasio, 1999).

A castração, portanto, seria antecessora a essa angústia e inveja, pois Freud a considera como o momento inicial do Édipo da menina. Quando a menina percebe que não possui o falo, ela começaria a buscar esse atributo fálico no Outro, resultando assim nessa busca por esse objeto de desejo (Nasio, 1999). No caso de Erika, nota-se isso com a busca do amor de seu aluno Walter, com quem se envolve afetivamente. Ao longo do filme, nota-se sua angústia diante da possibilidade de perdê-lo, expressa em atitudes de ciúme e necessidade de controle.

2. METODOLOGIA

A pesquisa produzida tem como base uma abordagem qualitativa na análise fílmica e na fundamentação teórica psicanalítica. O estudo apresentado busca compreender, a partir do filme “A Professora de Piano” (2001), como os conceitos de Freud e Lacan em especial o Complexo de Édipo, a castração e o falo se manifestam na personagem Erika Kohut.

Esta análise foi realizada por meio da observação interpretativa das cenas do filme, falas e comportamentos mostrados da protagonista, relacionando aos fundamentos teóricos da psicanálise. Para sustentar a discussão, foi feita uma revisão bibliográfica em autores que tratam dos temas abordados, permitindo analisar o conteúdo do filme às variáveis do inconsciente e aos processos temáticos presentes na obra.

3. RESULTADOS E DISCURSÕES

3.1 O NARCISMO PARENTAL E A PROJEÇÃO DOS IDEAIS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

A trama foca na história de Erika Kohut, uma professora de piano de 40 anos, que vive com sua mãe. Logo no início do filme já é possível perceber a relação conflituosa entre as duas. Ao chegar em casa, Erika é questionada por sua mãe a respeito de onde estava e o porquê de ter chegado atrasada. A professora de piano responde que saiu para dar uma volta pois estava cansada, mas a mãe não tem uma boa reação e começa a olhar a sua bolsa, onde encontra um vestido. Ao ver que a filha fez uma nova aquisição cara, ela rasga o vestido novo encontrado na bolsa. As duas brigam, e, logo depois, Erika chora e pede desculpas, revelando uma relação ambígua de amor e ódio.

Em uma cena posterior, a mãe a questiona sobre o motivo de ela ter comprado o vestido e Erika justifica que o modelo estava na moda e lembrava um vestido usado pela própria mãe quando jovem, sinal de admiração e identificação. Na mesma conversa a mãe ainda a pergunta sobre as aulas de piano e Kohut fala sobre sua aluna ser excepcional ou até mesmo melhor que ela própria. A mãe a adverte a não permitir que uma aluna a supere, projetando sobre a filha suas próprias idealizações de sucesso e perfeição.

Esse relato inicial já traz um elemento importante para a análise, que é a relação narcísica entre mãe e filha. Freud diz que enquanto o amor masculino é objetual, o feminino seria narcísico (Lins, 2022). O pai da psicanálise pontua que os pais confiam os seus sonhos de realização nos seus filhos, atribuindo suas fantasias de perfeição e onipotência (Araújo, 2010). No caso de Erika, sua mãe a transforma em extensão de si mesma, impondo-lhe o dever de “ser a melhor”.

A subjetividade de Erika é continuamente limitada pela mãe. As duas permanecem na díade primária em que a criança escolhe a mãe como objeto amoroso, fazendo com que a filha fique à mercê do gozo materno. Erika demonstra no filme não ter superado a fase pré-ediapiana, pois há uma conexão ainda muito forte entre elas. A ausência do pai, tanto real quanto simbólico, impede a introdução da função de corte, que separaria mãe e filha, produzindo sérias implicações subjetivas. Erika oscila entre o ressentimento e a submissão, o que Lacan denomina *hainamoration* (ódio-amor) (Pak, 2013).

Esse relacionamento com a mãe atravessa sexualidade de Erika. A professora de piano é uma perversa polimorfa. O filme mostra as multifaces dessa sua perversão em diversos momentos. Antes de falar mais especificamente sobre esse polimorfismo, é crucial entender a busca dela em evitar a angústia da castração, recusando, inclusive, a existência da falta do falo (Pak, 2013). O sujeito, entretanto, nega essa falta deslocando seu desejo para o fetiche (Campos, 2010). Essa estrutura fetichista resulta de uma dinâmica entre o complexo de Édipo e o complexo de castração, em que o fetiche substitui o falo materno (Pak, 2013). Logo, percebe-se que tudo está relacionado, principalmente, o relacionamento mãe-filha com a perversão de Erika.

3.2 A FANTASIA COMO DEFESA E PATOGENIA: ENTRE O GOZO E A SOLIDÃO

O fetiche configura-se como uma fantasia. Segundo Freud (1920), a fantasia funciona como um meio de defesa diante da pulsão de morte e da falta. Ela oferece uma falsa promessa de completude, com a tentativa de buscar aquilo que foi perdido (falo). No entanto, ao mesmo tempo que protege o sujeito da angústia, pode se tornar patogênica, pois passa a dominar sua vida psíquica (Jorge, 2006), se transformando em angústia. No caso do perverso, a sua perversão fará com que ele sinta a solidão, o que é visível na vida da professora. Kohut não possui amigos e namorado, e ainda afasta pessoas que se interessam por ela, como no caso de Klemer, pois não consegue enxergá-lo além de um objeto para satisfazer seu gozo.

A satisfação sexual de Kohut é atravessada por elementos presentes na relação entre mãe e filha, em que pode se destacar o desejo de controle e de ser controlada e o voyeurismo/exibicionismo. Freud (1905) já observava que as fantasias sexuais estão profundamente ligadas às figuras parentais e que toda perversão ativa tem uma contraparte passiva (Martinho & Sadala, 2016). Erika é controlada pela mãe e demonstra em sua carta que ela também quer ser controlada pelo Walter. Além disso, a protagonista mostra comportamentos voyeuristas e exibicionistas ao longo da trama.

O desejo de controle da professora é percebido desde os contatos iniciais com Klemer, por sua tentativa de controle sobre seu gozo, determinando quando e como

ele pode tocá-la. Mais adiante, suplica para ser controlada por Walter, pedindo que escolha suas roupas e a submeta. Assim, o desejo de dominar e o de ser dominada se alternam, expressando a dualidade estrutural de sua perversão.

3.3 VOYEURISMO, EXIBICIONISMO E SADOMASOQUISMO: DIMENSÕES DA PERVENÇÃO EM KOHUT

O voyeurismo manifesta-se na cena em que Erika observa um casal mantendo relações sexuais no carro, chegando a urinar de prazer enquanto assiste. O exibicionismo surge em momentos como o desejo de transar com Walter em locais públicos, sob o risco de ser vista, e na carta em que descreve fantasias que envolvem ser observada pela mãe. Assim, ela encena simultaneamente as posições de voyeur e exibicionista, em um jogo de olhares que compõe sua estrutura perversa (Lins, 2022).

O sadismo de Erika aparece em diversas situações, inclusive na relação com seus alunos. Ela humilha e deprecia os estudantes, especialmente aqueles que demonstram talento. Já o masoquismo se expressa na carta entregue a Walter, em que pede para ser espancada, amarrada e humilhada. Também se automutila em várias cenas, cortando inclusive suas genitálias, gesto que pode representar uma recusa da feminilidade e da castração (Pak, 2013).

O masoquismo é notório nas descrições da carta que ela entrega a Klemer, visto que há um pedido para que ele a bata. Ademais, a professora pede para ter seus pés e mãos amarradas e afirma que há tempos tem o desejo de ser açoitada. Seus pedidos não se limitam à humilhação física, pois ela também menciona que Walter deve perguntar o porquê de ela não se defender da mãe, para que se sinta impotente. Outrossim, ela também se auto lesiona em algumas cenas, cortando, inclusive, suas genitálias. Essa ação que pode representar uma repulsa à feminilidade também se associa com um conceito freudiano importante para a perversão, a pulsão (Pak, 2013).

Freud discute a relação entre perversão e pulsão no texto em que aborda a divisão do eu. A criança cuja pulsão apresenta características particularmente perversas é confrontada por outra experiência que indica que, caso persista nesse tipo de satisfação pulsional, poderá estar sujeita a um perigo real. Esse perigo, que causa horror, provoca uma ruptura com a realidade, e sempre que ocorre essa ruptura, há a intervenção da pulsão de morte. Entretanto, esse perigo real se associa a um conceito já mencionado neste texto: a castração, mais especificamente a castração simbólica. Considerando que todos estão sujeitos à lei da castração, mesmo que tentem ignorá-la, é pertinente refletir sobre a angústia provocada por essa lei na vida da protagonista, especialmente no campo da linguagem (Alberti, 2005).

3.4 GOZO, LINGUAGEM E CASTRAÇÃO: UMA LEITURA LACANIANA DE ERIKA KOHUT

Para Lacan (1992), o gozo originário é inacessível considerando que o sujeito está inserido na linguagem. Quando os humanos utilizam a língua, o gozo é impedido de se inscrever no significante e não pode ser nomeado de forma simbólica. A castração, portanto, passa a ser considerada generalizada, pois todos estão inseridos no campo da linguagem e necessitam do seu intermédio, que provoca uma barreira entre o desejo do indivíduo e o gozo (Marcos e Sales, 2018).

No filme, essa castração pela linguagem aparece de modo claro na carta de Erika. A sua relação com seu desejo, depois que escreve sobre eles e simboliza, passa a ser mediada pela palavra, o que impede ela de ter uma relação direta com esse gozo. Contudo, a estrutura perversa implica justamente a recusa dessa barreira:

o perverso reconhece a falta, mas a desmente (*Verleugnung*), buscando uma completude impossível.

O paradigma fálico, que estrutura a sociedade, considera que o ter é ser. Portanto, a angústia de castração é vivenciada e até mesmo intensificada no campo da cultura. O discurso falocêntrico coloca a mulher no lugar de quem não tem, de quem falta algo. Isso está associado à ficção de que o pênis é equivalente ao falo, logo, se a mulher não tem pênis ela não teria o falo também. Contudo, a ideia de o falo ser apenas pênis é considerada uma falácia sob visão psicanalítica. Segundo Lacan, o falo seria um significante puro e não o pênis orgânico. O falo (simbólico) é desejado e buscado por Erika. A professora busca o falo através de arte, do amado etc. (Abrantes e Magalhães, 2019; Kon, 2010; Martinho e Sadala, 2016).

A arte pode ser situada como um discurso que busca sustentar a falta do falo (Jorge, 2006). A professora de piano, embora seja excelente em seu trabalho, não obtém o reconhecimento que deseja enquanto musicista. Ao não alcançar o sucesso almejado, também valorizado pela mãe, a protagonista enfrenta novamente a angústia de castração. A persistência da barreira entre o desejo de Erika e o gozo evidencia que, mesmo diante das tentativas de rejeitar a lei da castração, ela continua inserida nessa ordem simbólica.

Essa dinâmica se repete em outros momentos, como na cena do vestido. Apesar de não haver detalhes sobre a frequência das compras de Erika, a reação da mãe indica que o vestido não era barato. Ao rasgar a peça da filha, a mãe não impede apenas a aquisição de uma nova roupa, mas também a frustração do gozo que o vestido simbolicamente prometia (o falo simbólico). A mercadoria, concebida como gozo inesgotável, revela-se vazia e incapaz de suprir a falta humana. O mercado de consumo explora justamente essa falta do falo, transformando-a em incentivo ao consumismo. Essa lógica de comercialização do prazer também é ilustrada quando Erika visita a loja de artigos libidinosos e paga para realizar seu fetiche voyeurista, observando pessoas transando (Abrantes & Magalhães, 2019).

3.5 ÉDIPO FEMINO E A INVEJA DO FALO: A CASTRAÇÃO SIMBÓLICA NA TRAMA DE KOHUT

O desfecho do Édipo feminino, marcado pela inveja do falo e a angústia de perder o objeto amado, também se evidencia na trama. Para as mulheres, a inveja do falo é atravessada pela questão social. A professora de piano ao frequentar a loja adulta é julgada pelos homens que frequentam o espaço. Em determinado momento, ela encontra um aluno no mesmo local e, após o encontro, comunica que não dará mais aulas a ele, chegando a chamá-lo de "porco nojento". Embora essa atitude revele aspectos de sua autopercepção, considerando que ela também frequenta o espaço, há um fator adicional a ser considerado. A revolta de Erika se manifesta também pela percepção de que ele pode frequentar o local sem julgamento, apenas por ser homem. O discurso fálico na sociedade evidencia a castração vivenciada pelas mulheres; contudo, os homens também são castrados, já que o falo é simbólico e ninguém o possui integralmente (Kon, 2010; Pak, 2013).

A angústia de perder o amor do amado, mencionado anteriormente, é visível na sua relação com o seu aluno Walter. Os encontros entre os dois podem ser confusos ao espectador, mas percebe-se que Erika tem medo de perdê-lo. Mesmo após a rejeição, a professora o segue. Na posição de perversa, Erika não consegue se relacionar com ele o considerando como um sujeito, submetendo-o como objeto para satisfazer seu gozo. Ela o envolve em seus jogos perversos, o que ele percebe, inclusive comentando explicitamente que Erika é perversa e não deveria tratar as

pessoas dessa forma. Ao longo do filme, Erika mantém uma postura de aparente invulnerabilidade emocional, seja em sua relação com Klemer, com a música ou com outros aspectos de sua vida (Martinho & Sadala, 2016; Mendonça, 2015).

No desfecho, a professora leva uma faca ao concerto e, após ouvir Walter demonstrar ansiedade para ouvi-la, ela se fere, cravando a lâmina em seu próprio peito. Essa não é a única cena em que Erika se auto lesiona; há outros momentos no filme em que o ato se repete. O corpo de Erika parece impossibilitado de gozar, e ela se recusa a ser objeto de gozo para o outro, como no caso de Walter na cena final. Esse bloqueio sexual é acompanhado da liberação de líquidos corporais, como sangue, urina e vômito, que simbolizam a repressão e a frustração do gozo. Além disso, o ato de autolesão se relaciona com a erotização da dor, o que reforça sua posição perversa (Gómez, 2020; Mendonça, 2015; Mendonça et al., 2021).

O perverso não se coloca como sujeito, pois isso implicaria reconhecer sua falta e castração, algo que já está presente de qualquer forma. A travessia do Complexo de Édipo e seu posicionamento na fantasia contribuem para que Erika se encontre nessa posição de perversa. A perversão polimorfa pode ser entendida como um regime de gozo, que, embora mais associado à infância, está vinculada à pulsão; assim, Erika pode ser perversa-polimorfa mesmo na vida adulta (Mendonça, 2015). Segundo Freud (1905), duas características definem a perversão patológica: exclusividade e fixação. A perversão de Erika configura-se como patológica, pois a fixação e a exclusividade do gozo regem e ocupam o centro de sua vida.

4. CONCLUSÃO

A partir dos pontos abordados, percebe-se que o filme "A professora de piano" apresenta grande riqueza e potencial para ser analisado sob viés psicanalítico. A história de Erika Kohut não se limita a retratar uma pessoa perversa; trata-se de Erika, uma perversa polimorfa cuja construção sexual, embora fictícia, dialoga de forma consistente com os conceitos desenvolvidos por Freud.

A perversão de Erika está intimamente ligada à sua relação com a mãe, conforme apontado pelo pai da psicanálise. Em sua posição perversa, ela busca o gozo por meio de fetiches e fantasias, como voyeurismo, exibicionismo, sadismo e masoquismo. Ao mesmo tempo, Erika é atravessada pela lei da castração, que evidencia constantemente sua impossibilidade de atingir o gozo originário. Sua relação com o aluno Walter, assim como sua relação com a mãe, apresenta múltiplos elementos psicanalíticos relevantes, suficientes para gerar análises específicas e aprofundadas.

Em síntese, o objetivo deste trabalho foi analisar o Complexo de Édipo na trama. Contudo, ressalta-se que muitos outros aspectos pertinentes ao tema não foram explorados, devido à multiplicidade de possibilidades analíticas presentes na obra.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, D. S. S.; MAGALHÃES, A. W. L. O falo e a sociedade do consumo. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 2, n. 2, p. 23-30, 2019.
- ALBERTI, S. A perversão, o desejo e a pulsão. *Revista Subjetividades*, v. 5, n. 2, p. 341-360, 2005.
- ARAÚJO, M. G. Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, n. 34, p. 79-82, 2010.
- CAMPOS, D. T. F. A perversão feminina e o laço social na atualidade. *Tempo psicanalítico*, v. 42, n. 2, p. 287-311, 2010.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII. Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905).
- GÓMEZ, Á. D. R. "The Piano Teacher" and the question of perversion. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 23, p. 111-120, 2020.
- JORGE, M. A. C. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. *Estudos de psicanálise*, n. 29, p. 29-37, 2006.
- KON, N. M. "Ele não tem xoxota!": a lógica do falo ou a lógica da diferença?. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 13, p. 517-521, 2010.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MARCOS, C. M.; SALES, E. A. S. Os nomes do pai e a generalização da castração. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 20, p. 575-590, 2017.
- MARTINHO, M. H. C.; SADALA, M. G. S. Perversão e práticas perversas: contribuições da psicanálise. *aSEPHallus*, p. 94-107, 2016.
- MENDONÇA, L. G. S. F. **Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver mulheres estruturalmente perversas**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MENDONÇA, R. L. *et al.* A neurose como negativo da perversão: um estudo das perversões em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, 2021.
- LINS, J. R. Controvérsia sobre a perversão feminina. *Revista de Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 169-171, 2022.
- NASIO, J.-D. **O prazer de ler Freud**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

PAK, M. **Uma análise do filme de Michael Haneke, Baseado no Romance Die Klavierspielerin, da escritora austríaca Elfriede Jelinek**, publicado em 1983 -- A professora de piano (2001), sob a ótica psicanalítica. 2013. Disponível em: <https://www.arpi.org.br/site/2013/02/28/uma-analise-do-filme-de-michael-haneke-baseado-no-romance-die-klavierspielerin-da-escritora-austriaca-elfriede-jelinek-publicado-em-1983-%c2%ad-a-professora-de-piano-2001-sob-a-otica-psicanalit/>. Acesso em: 11 nov. 2023.